

**OS FIOS DA MEMÓRIA NA TESSITURA DAS HISTÓRIAS DE VIDA DE
PROFESSORES NO SUL DE MATO GROSSO: EM ESTUDO A NARRATIVA DO
PROFESSOR JOSÉ PEREIRA LINS**

***LOS HILOS DE MEMORIA EN LA TESSITURA DE LAS HISTORIAS DE VIDA DE
MAESTROS DEL SUR DE MATO GROSSO: EN ESTUDIO LA NARRATIVA DEL
PROFESOR JOSÉ PEREIRA LINS***

1

Cintia Medeiros Robles AGUIAR¹

Loren Katiuscia Paiva da SILVA²

Roselaine Alves OLMO³

Cristian Lopez GOMES⁴

Resumo: Este artigo tem como objetivo identificar e analisar os ditos e “não ditos” na narrativa biográfica do professor José Pereira Lins. Propôs-se a partir da história de vida do professor estabelecer as relações sociais e o campo nas quais se insere, em especial, na História da Educação e das Instituições Escolares de Mato Grosso do Sul. A reflexão apoia-se na obra de Maria da Glória Sá Rosa “Memória da Cultura e da Educação em Mato Grosso do Sul: histórias de vida” (1990). Os resultados sinalizam que a memória da cultura e da educação do agente, está atrelada ao prolongamento da escolarização e ao sucesso escolar, sendo estes os fatores de diferenciação de maior relevância. Conclui-se que a história de vida do Professor Lins não esgotou todos os aspectos e interpretações possíveis, mas forneceu novas perspectivas a respeito do que ainda não se conhecia, parte da memória da cultura e da educação em Mato Grosso do Sul.

Palavras-chave: Narrativa Biográfica. Memória de Professores. José Pereira Lins.

¹ Especialista em História e Cultura Afro-brasileira, graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, cursa Mestrado em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, na linha de pesquisa: Educação, Cultura, Sociedade. Campo Grande MS Brasil. cintia.robles@outlook.com. Agência financiadora: CAPES.

² Discente do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Campo Grande MS Brasil. lorenkatiuscia@hotmail.com

³ Discente do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Campo Grande MS Brasil. roselaolmo@outlook.com

⁴ Discente do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Campo Grande MS Brasil. cristianlopes.ped.ufms@gmail.com

Resumen: Este artículo tiene como objetivo identificar y analizar lo dicho y lo “tácito” en la narrativa biográfica del profesor José Pereira Lins. A partir de la historia de vida del docente, se propuso establecer las relaciones sociales y el campo en el que se inserta, en particular, en la Historia de la Educación y las Instituciones Escolares de Mato Grosso do Sul. La reflexión se basa en la obra de Maria da Glória Sá Rosa “Memoria de la cultura y la educación en Mato Grosso do Sul: historias de vida” (1990). Los resultados indican que la memoria de la cultura y educación del agente está ligada a la extensión de la escolaridad y al éxito escolar, siendo estos los factores diferenciadores más importantes. Se concluye que la historia de vida del profesor Lins no agotó todos los aspectos e interpretaciones posibles, sino que brindó nuevas perspectivas sobre lo aún no conocido, parte de la memoria de la cultura y la educación en Mato Grosso do Sul.

Palabras clave: Narrativa biográfica. Memoria de los profesores. José Pereira Lins.

Introdução

Este artigo resulta de reflexões realizadas sobre narrativas biográficas de professores no sul de Mato Grosso. Parte-se do pressuposto teórico construído por Michael Pollak (1989, p. 3) de que a memória é seletiva e sofre um “processo de “negociação” para conciliar memória coletiva e memórias individuais”.

Tem-se como objetivo identificar e analisar os ditos e “não ditos” na narrativa biográfica do professor José Pereira Lins, para tal, propôs-se a partir da história de vida do professor, estabelecer as relações sociais e o campo nas quais se insere, em especial, na História da Educação e das Instituições Escolares de Mato Grosso do Sul.

A reflexão apoia-se no depoimento do professor, sistematizado na pesquisa de Maria da Glória Sá Rosa “Memória da Cultura e da Educação em Mato Grosso do Sul: histórias de vida” e no texto de Apresentação da obra escrito por Gilberto Luiz Alves.

O presente produto, portanto, é composto além de introdução e considerações finais, de dois tópicos, no qual o primeiro busca-se realizar as primeiras aproximações da fronteira entre o dizível e o indizível na história de vida do professor. E no segundo, analisar os fios da memória na narrativa do professor José Pereira Lins.

Tecendo a fronteira entre o dizível e o indizível

Quando referimo-nos a fronteira entre o dizível e o indizível, mobiliza-se duas perspectivas, a saber: a primeira, o resgate de uma memória “tão essencial e tão pouco registrada [a] das escolas mato-grossenses” (ALVES *apud* ROSA, 1990, p. 12), atrelada a uma “memória coletiva subterrânea” (POLLAK, 1989, p. 8), a qual a história tradicional deixou à margem.

Gilberto Luiz Alves ressalta a importância do estudo realizado por Rosa (1990), visto que o depoimento dos professores, possibilita o desenho dos contornos dos processos de constituição da estrutura educacional mato-grossense, que até então possui um vazio de informações documentais, marcado pela irregularidade e até mesmo inexistência de registros.

Considera-se o relato dos professores uma memória coletiva subterrânea, pois de acordo com Jacques Le Goff (2003) a memória coletiva é posta em jogo de forma essencial na luta das forças sociais pelo poder, assim os silêncios da história revelam os mecanismos de manipulação da memória coletiva.

Além das lacunas documentais, podemos observar que o processo de desenvolvimento da Educação no Mato Grosso foi contraditório e permeado pelo “obscurantista mandonismo dos chefes da política partidária” (ALVES *apud* ROSA, 1990, p. 12), os quais ditavam regras de onde e como as escolas funcionariam e quem trabalharia nelas, tudo assegurado pela legislação, o que sinaliza mecanismos de manipulação da memória e a marginalização das memórias de professores.

A segunda perspectiva é do estudo de Maria Isaura Pereira de Queiroz (1988, p. 15) de que o relato oral se apresenta “[...] para registrar o que ainda não se cristalizara em documentação escrita, o não conservado, o que desaparecia se não fosse anotado; [...] captar o não explícito, quem sabe mesmo o indizível”, com todos os limites e possibilidades significativas deste processo.

Professor José Pereira Lins

Este tópico conciso é direcionado aos dados biográficos do Professor José Pereira Lins para fins de contextualização da narrativa sistematizada por Sá Rosa (1990).

Foto 01: Professor José Pereira Lins



Fonte: Revista Premissas UFGD, 2009.

Lins nasceu na Paraíba em São José de Piranhas em 05 de fevereiro de 1921. Faleceu em 02 de maio de 2011 aos 90 anos em Dourados (MS). Chegou em Campo Grande em 1937 e ingressou no Ginásio Estadual Campo-grandense em 1940.

Em 1945 embarcou para Curitiba onde pretendia fazer o curso científico. Fez vestibular para o Curso de Letras em uma Faculdade particular dos irmãos Maristas, onde conseguiu bolsa. Convidado a lecionar no Colégio Osvaldo Cruz pelo Prof. Luiz Alexandre de Oliveira, retorna a Campo Grande, casado, em 1952.

De 1952 a 1954 lecionou no Colégio Estadual onde estudou e no Ginásio Barão do Rio Branco da Companhia de Educandários Gratuitos. Em 1954 a convite de Luiz Alexandre de Oliveira e em parceria com o professor Celso Muller do Amaral, fundou em Dourados um colégio, para onde se mudou em 1956, depois de adquirir o nome do estabelecimento.

Fundou cerca de dez escolas na região, o crescimento do setor educacional culminou no Centro Universitário de Dourados.

Os fios da memória do Professor José Pereira Lins

O primeiro ponto que nos atemos é em relação a linearidade da narrativa construída tanto pelo professor quanto pela historiadora, pois, [...] embora o pesquisador subrepticamente dirija o colóquio, quem decide o que vai relatar é o narrador [...]. (QUEIROZ, 1988, p. 21). E quem decide como compor e sistematizar a história é a historiadora.

O relato foi construído como memória individual em três etapas: 1. Vida pessoal (nascimento, contexto familiar etc.), 2. Trajetória escolar (desde o início dos estudos até a formação na Faculdade) e 3. Trajetória profissional.

Queiroz (1988) afirma que a história de vida é uma narrativa linear e individual dos acontecimentos que nele se considera significativos, e que é através dela que se delineiam as relações com os membros de seu grupo, de sua profissão, de sua camada social etc.

A história de vida, [...] se define como o relato de um narrador sobre sua existência através do tempo, tentando reconstituir os acontecimentos que vivenciou e transmitir a experiência que adquiriu. (QUEIROZ, 1988, p. 20).

De um outro ponto de vista, Pierre Bourdieu (2011, p. 75) faz uma crítica justamente a este desenrolar-se “segundo uma ordem cronológica, que é também uma ordem lógica”, pois, inexistente essa sequência na vida de uma pessoa. Daí decorre o que o autor intitula de ilusão biográfica.

Nesta perspectiva, Miguel Ângelo Montagner (2007) discute como nos “precar” da ilusão biográfica, e Maria da Conceição Passeggi (2014) propõe ultrapassar o marco da ilusão biográfica. Parte-se destes pressupostos, sem desconsiderar seus limites e ambiguidades para estabelecer as relações sociais e o campo no qual o agente se insere.

O preâmbulo escrito sobre o professor merece destaque, nele há sinais da construção de um “deslocamento linear [...] que comporta um começo [...] etapas, e um fim no sentido duplo, de termo e de objetivo [...]” (BOURDIEU, 2011, p. 74), a autora o descreve como “[...] menino pobre, lutou com incrível força de vontade, para ultrapassar as condições adversas de seu meio, até se tornar um dos mais respeitados educadores do Estado” (ROSA, 1990, p. 175).

Podemos observar a presença de um olhar otimista e ingênuo sobre uma racionalidade meritocrática; o meio, o princípio de igualdade de oportunidade e de diferenciação social, não são considerados, o que predomina é uma narrativa romancista, que culmina em uma trajetória de sucesso

O relato do professor é permeado pela mesma perspectiva. Em nenhum momento de sua fala ele diz que foi um “menino pobre”, o que se subentende por partes da narrativa, o pai foi construtor, a mãe dona de casa, nasceu no Nordeste e mudou-se para Campo Grande aos 16 anos, portanto, não é herdeiro e não faz parte de nenhuma elite social.

Ele relata ter aprendido a ler e contar com o irmão, estudavam no quintal de sua casa, ter uma propriedade é algo a se considerar, mesmo que alugado, precisa ter condições financeiras para manter uma casa. Realizou preparação para os exames de admissão no Ginásio Estadual, e a preparação foi no Ginásio Osvaldo Cruz, instituição particular que demanda investimento financeiro, supomos que ele pode ter recebido bolsa, mas não fica explícito, nem implícito.

Há relatos de dificuldades enfrentadas, de doações recebidas, de bolsa de estudos, refere-se a si como “[...] um produto da vontade de terceiros. [...] devo parte de minhas realizações aos outros”. (LINS *apud* ROSA, 1990, p. 177). Assim como há relatos de seus empregos: como zelador no Ginásio Estadual e faxineiro em casas de família e na Igreja Batista da qual se tornou membro.

Compreende-se que estes relatos definem sua condição social, entretanto, observamos que sua teia de relações facilitaram a construção de seu capital social, que foi mobilizado anos mais tarde em sua trajetória profissional (ao qual ele chama de “predestinação”, ligado a seu discurso religioso).

Quando discorre sobre sua escolarização, traz alguns subsídios para delinear a educação no sul de Mato Grosso na década de 1940, os nomes de muitos professores do ensino secundário são citados, com as áreas de conhecimento na qual lecionavam. Cita que o ensino era ministrado dentro de métodos tradicionais, centrado no professor, na contramão do movimento escolanovista que ganha espaço desde a década de 1920 no país.

Ressaltamos a maneira como Lins se refere aos professores é interessante, quando um professor é elogiado aparecem as palavras “extraordinário” e “orador eloquente”, contudo, quando é uma professora as palavras são “competência”, “elegância”, “beleza” e “feminilidade”, exibindo uma clara distinção sexista, e como mesmo em espaços onde as mulheres predominam, os homens têm maior valor.

Já em sua narrativa sobre a trajetória profissional, identificamos o nome de instituições de ensino em funcionamento na década de 1950, que colaboram na pesquisa de dissertação em andamento que têm como locus de pesquisa o ginásio Osvaldo Cruz de Dourados dos quais destacamos:

7

O Colégio Osvaldo Cruz tinha a primeira e a segunda séries e era carente de tudo. Funcionava numa das salas do Grupo Escolar Joaquim Murinho, na mesma rua onde estava localizado. Observei que com o crescimento da cidade a convivência dos dois colégios tornava-se impossível e então aluguei um pardieiro, condenado pela Saúde Pública. Era uma casa de madeira, parede caindo, galinhas passeando por debaixo do assoalho. Quando alguém se espantava com minhas atitudes, eu respondia que se tratava de um desafio: dar continuidade ao colégio.

Se a Saúde Pública condenasse o colégio, a responsabilidade era dela. Nesse prédio, fiquei até 1957, quando se formou a primeira turma do Curso Ginásial.

Os exames finais já foram feitos na sede atual, numa chácara de dez mil metros, na verdade um terreno sem luz elétrica, cheio de mato, aonde não se chegava nem de charrete. Eu me lembro que, para fazer a verificação do terreno, vim de charrete até a praça Mário Correa, na época um curral de vacas, depois vim a pé até aqui. Apesar disso, alunos e professores acorreram ao estabelecimento. Foram principalmente os professores, com diploma ou sem ele, que me ajudaram a reerguer o estabelecimento: Frei Teodarto Leitz, Ayrthon Ferreira Barbosa, Celso Müller do Amaral, Hilda Duarte, Neuza Amaral e outros de que me esqueci. As carteiras obtive através de campanha de doação. O prédio, o pardieiro a que me referi, pertencia ao Sr. Joaquim de Oliveira, que me alugou por três cruzeiros antigos, o que na época representava substancial ajuda.

De políticos, de Governo nunca aceitei ajuda. Era uma questão de vida ou morte para um rebelde, um enjeitado na vida, como eu. Mantive-me equidistante das bolsas-de-estudo que a Prefeitura, o Estado e o Rotary davam a nossos alunos. [...]. (LINS *apud* ROSA, 1990, p. 178).

O processo de institucionalização do ginásio, os professores que, literalmente, ajudaram a construí-lo e as condições materiais de sua construção, são dados históricos de

muito valor e relevância para a pesquisa em andamento e para a construção de parte da História da Educação de Dourados e de Mato Grosso do Sul.

O agente não ocupou cargos políticos, não citou envolvimento com partidos e/ou organizações, enfatizou que nunca aceitou ajuda de políticos ou do governo, apesar de citar as bolsas de estudos que os alunos do educandário recebiam de diferentes fontes;

Atribuiu seu afastamento das instituições de ensino às exigências e interferências do Estado. Único momento que é feita uma crítica em toda sua narrativa, mas em seguida ressalta seus feitos e o quanto ajudou na construção do setor educacional.

Posto isto, compreende-se que o campo no qual o agente se coloca é o campo intelectual, e sua narrativa foi construída na intenção de legitimar seu lugar neste campo, ele enfatiza as dificuldades que foram sanadas e as qualidades que o constituem como um intelectual:

[...] a vocação literária, o gosto por línguas [...], o bom desempenho escolar, [...] trabalhar com um livro e as lições amarradas ao pescoço por um cordão [...], o revezamento do primeiro lugar com uma colega [...], a pretensão de fazer o curso científico em Curitiba, [...] o Curso de Letras era mais adequado a sua personalidade, [...] sem falsa modéstia era reconhecido por todos como estudioso. A semente que multiplicou-se em árvores frondosas. (LINS *apud* ROSA, 1990, p. 176-177-178).

Dá ênfase aos fatos e acontecimentos que o levaram a dominar o sentido do jogo e nome as pessoas que fazem parte deste mesmo campo, como por exemplo, a professora Oliva Enciso foi citada como alguém que lhe doou livros, cadernos e uniforme no ginásio. Quando embarcou para fazer o curso científico fora, um amigo lhe deu uma caixinha de sabonete com dinheiro suficiente para a viagem e para enfrentar as despesas iniciais em Curitiba, e esse amigo não foi citado nem pelo primeiro nome, o que ocorre também com amigos e familiares. O agente considera sua profissão como vocação de vida, seu sonho real e materializado em um *habitus* professoral e finaliza seu relato dizendo que seu ideal é que os filhos continuem sua obra, tem orgulho de dizer que os filhos estão seguindo seus passos e quer que eles “[...] continuem seguindo os padrões de idealismo, de amor ao ofício que escolheram, como eu procurei fazer”. (LINS *apud* ROSA, 1990, p. 178).

Considerações Finais

Propôs-se neste artigo, identificar e analisar os ditos e “não ditos” na narrativa biográfica do professor José Pereira Lins, a partir das relações sociais estabelecidas e do campo nas quais sua história de vida se insere, em especial, na História da Educação e das Instituições Escolares de Mato Grosso do Sul.

Identificamos uma narrativa romântica de sua história de vida: a de um improvável que pelo mérito e predestinação, venceu barreiras e se tornou um intelectual e um dos mais respeitados educadores do estado, o olhar otimista e ingênuo sobre a racionalidade meritocrática está implícito em cada palavra.

O meio, o princípio de igualdade de oportunidade e de diferenciação social, não são considerados, entre os ditos e “não ditos” estão as marcas de seu grupo étnico, a historiadora se refere a ele como “menino pobre” e está a única marca que o constitui na narrativa, o fato dele ser nordestino e negro não é citado, não existe um sentimento de pertença a essas marcas.

Sua camada social, sua sociedade e a escolha de quais nomes seriam (in) visibilizados. A narrativa foi construída de modo a legitimar seu lugar no campo intelectual, enaltece-se o mérito e talento individuais e atribui-se valor a ajuda de Deus e de terceiros.

Os resultados sinalizam que a memória da cultura e da educação do agente, está atrelada ao prolongamento da escolarização e ao sucesso escolar, sendo estes os fatores de diferenciação de maior relevância. E, ainda que sua narrativa tenha sido construída como memória individual, suas memórias nunca foram apenas suas, pois nenhuma lembrança pode coexistir isolada de um grupo social.

Um dos limites deste trabalho é reconhecer a necessidade de uma complementação proveniente de outras fontes, pois, a utilização somente da história de vida é insuficiente para dar embasamento empírico satisfatório e amplo que nos permita chegar a conclusões.

Entretanto é importante ressaltar que o cruzamento de fontes ainda que necessário, não invalida a utilização de uma única história de vida, certamente a história de vida do Professor

Lins não esgotou todos os aspectos e interpretações possíveis, mas forneceu novas perspectivas a respeito do que ainda não se conhecia, parte da memória da cultura e da educação em Mato Grosso do Sul.

Referências

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: _____. **Razões práticas: Sobre a teoria da ação**. Tradução: Mariza Corrêa, 11^a ed. Campinas, SP: Papyrus, 2011.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução Bernardo Leitão [et al.]. 5^a ed. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

MONTAGNER, Miguel Ângelo. Trajetórias e biografias: notas para uma análise bourdieusiana. **Sociologias**. Porto Alegre, ano 9, n^o17, jan./jun. 2007, p. 240-264.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Pierre Bourdieu: da “ilusão” à “conversão” autobiográfica. **Revista da FAEBA – Educação e Contemporaneidade**, v. 23, n. 41, p. 223-235, jan./jun. 2014.

POLLAK, Michel. Memória, Esquecimento, Silêncio. Rio de Janeiro: **Estudos Históricos**, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Relatos Oraís: do “indizível” ao “dizível”. In: SIMSON, Olga de Moraes Von. **Experimentos com História de Vida: Itália-Brasil**. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1988.

ROSA, Maria da Glória Sá. **Memória da cultura e da educação em Mato Grosso do Sul: histórias de vida**. Campo Grande, MS: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 1990.

Enviado: 30/06/2020

Aceito: 31/08/2020